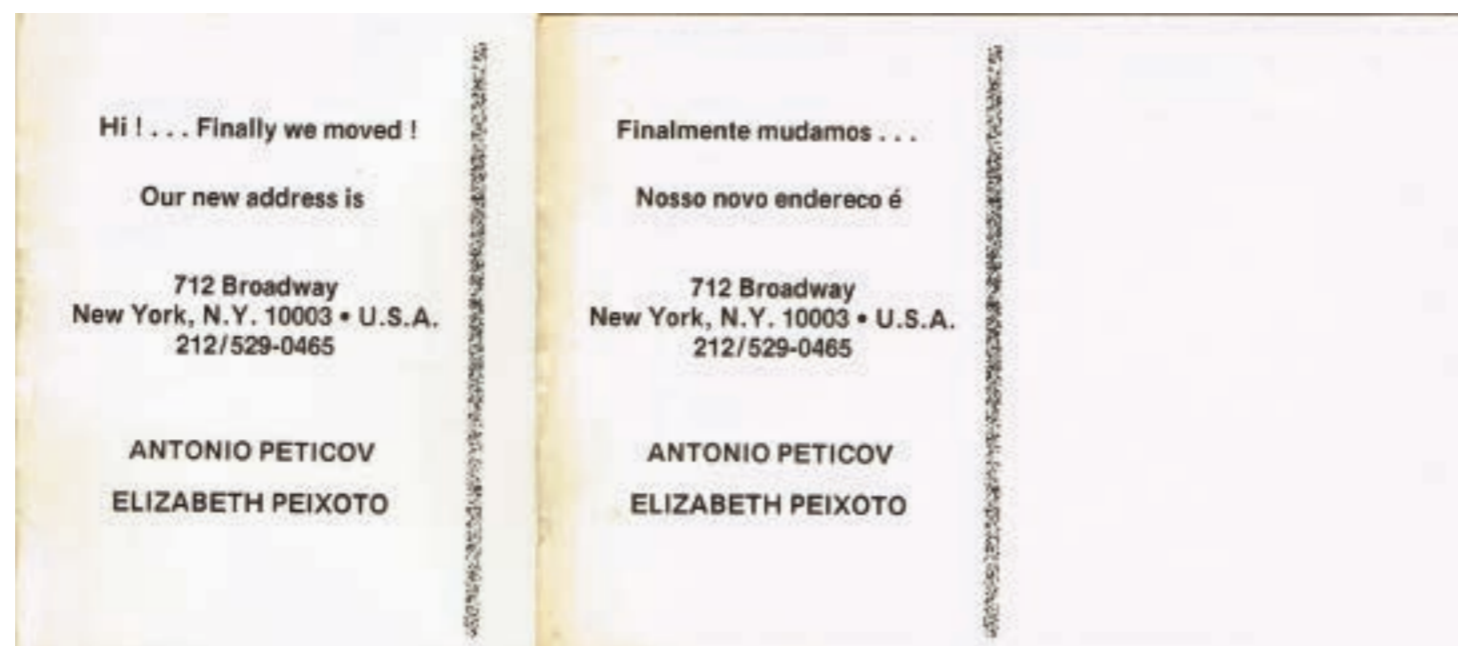


# 712 BROADWAY 8TH FLOOR



SETEMBRO - OUTUBRO 1983

# CASA VOGUE

## SUMÁRIO

99 pontos de vista

seções

8 corner

10-12-14-16 corner, por Sérgio Monte Alegre

46 o colecionador, por Fernando Medeiros

67 jardins, por Maria Lúcia P. A. Pereira

170 barbas

192 endereços

casas

100 de minha luz

108 intimidade de artista

116 um espaço dominado

130 um estilo de vida

138 a grande convivência entre o velho e o novo

134 um visual longo

matérias

140 casa ano 2000, por Marco Antonio de Menezes

144 arte brasileira, por P. M. Bardi

148 uma utopia em Tântalo, produção Antonio José de Oliveira Santos

158 design, por Walter Corrao

164 as paredes de Casa Vogue (Antonio Dias), por Daniel Mota

Na capa: simplesmente vermelho e preto. Foto: Duda Oliveira.



## REFERÊNCIA CULTURAL

NO LOFT AMERICANO DO ARTISTA PLÁSTICO ANTONIO PETICOV, DISCOS, FITAS, VÍDEOS, LIVROS E UMA COLEÇÃO PLUMÁRIA DO BRASIL.

POR MÂRCIA FRIELI. FOTOS: VALDIR CRUZ. PRODUÇÃO: SILVIA CRUZ

“ANTONIO PETICOV, origem russa, brasileiro de Cachoeiro do Itapemirim, filho de pastor batista, onze anos de residência em Milão. Sobre ele, Daniel Mús escreveu em *As Paredes de Casa Vogue* de junho de 1982: “O universo de Peticov é dirigido pelas mesmas harmonias misteriosas que abalaram místicamente os artistas inquietos por esses séculos todos. Os números de Fibonac, a seção áurea, as relações cromáticas do espectro dão rigor arquitetônico a seu mundo e fazem respirar todos os seus aspectos, com aquela respiração cósmica que revela como o que parece estático é na realidade cheio de movimento”. Essa descrição de seu trabalho pode ser entendida no seu apartamento de Nova York de onde tira inspiração para seu trabalho. Seus quebra-cabeças não-resolvidos, suas coleções de bonecos indígenas, arte plumária, sapos balineses.

O aluguel não é nada convidativo: quatro mil dólares. Mas morar na Broadway, bem pertinho da Washington Square, em Nova York, exige cacife. Há oito anos, o artista plástico brasileiro Antonio Peticov banca a condição de ficar num dos maiores centros do planeta. Ele vive e trabalha num *loft*. Não há portaria no prédio. Elevador, só o de carga. Mas esse é o ideal para os moradores — artistas acostumados a transportar esculturas, quadros e tripés.

Peticov ocupa os trezentos metros quadrados do oitavo piso, com um grande privilégio do último andar: teto de vidro, com a imprescindível luz natural para compor as telas. As grandes janelas da sala dão para a Broadway, outro privilégio: “Absolutamente nada do meu *loft* é por acaso. Os móveis, que eu mesmo projetei e construí, existem porque *preciso* deles”. Tudo na medida da necessidade. Peticov detesta decoração e enfeites. Isso não significa falta de harmonia nas formas e cores. Apenas uma preocupação estrita com a funcionalidade: “Uma vez, um casal amigo quis fazer uma *surprise* e decorou toda a casa enquanto eu viajava. Foi um horror! Dei o maior berro quando vi tudo aquilo: ‘Cadê minha casa?’ Nunca mais...”

Peticov gosta de cantinhos. Em seu *loft*, os espaços foram determinados de acordo com o interesse e associação de

Sobre a lareira, parte da coleção de quebra-cabeças topológicos de madeira. Na parede, objetos indígenas do Xingu. No espaço há todo o tipo de informação sobre o Brasil: discos, revistas, vídeos sobre índios e uma valiosa coleção plumária.



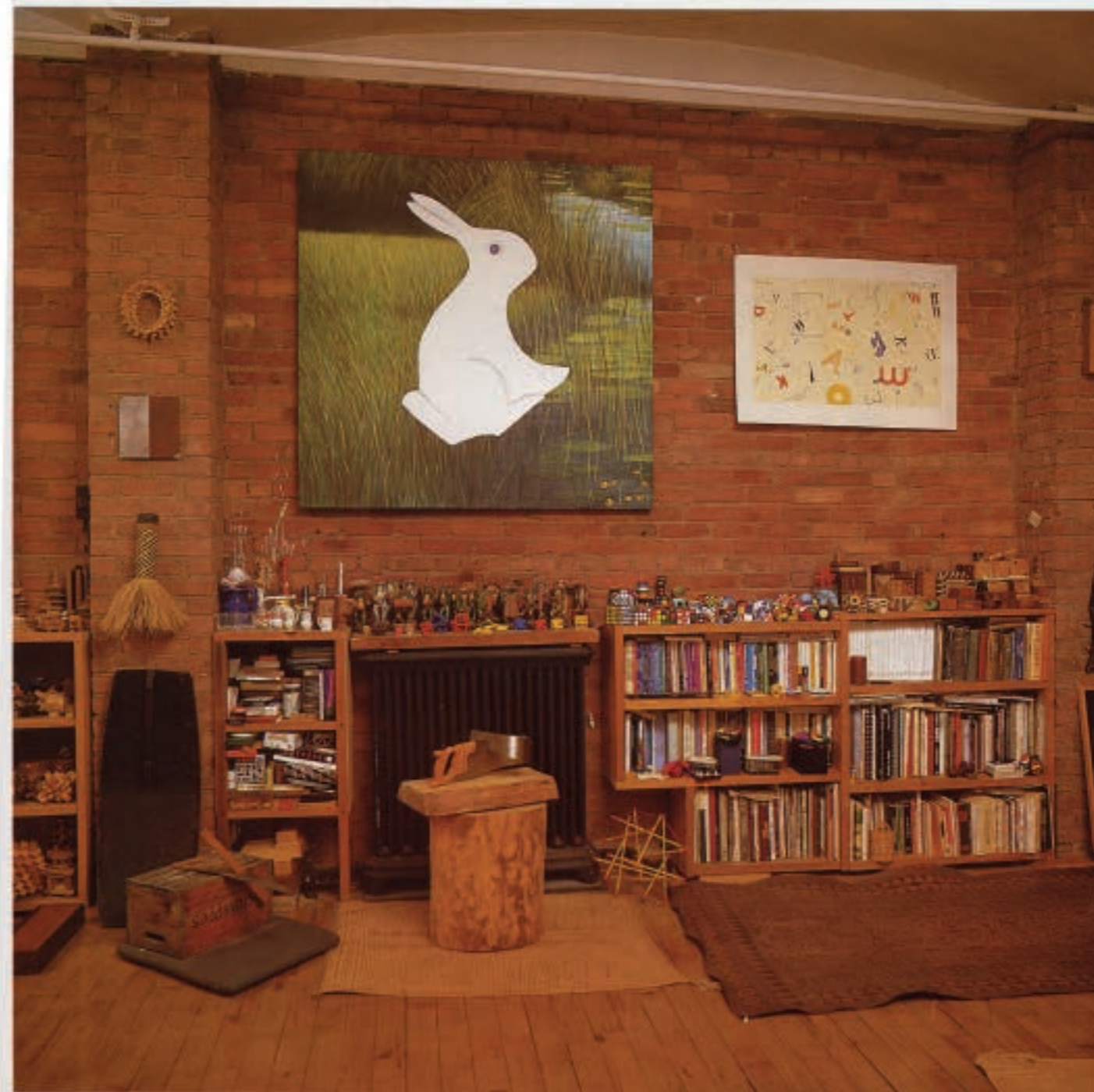
ACIMA, um detalhe da biblioteca. Os livros de arte dividem espaço com objetos indígenas. Acima da estante de madeira, lori-lori, uma touca usada pelos índios da tribo kavapó. Na parede, um pente urubucapor. À direita, uma tanga crida pelos índios marajoaras.

idéias. Livros de botânica, por exemplo, estão próximos a quadros de paisagens, do vídeo e do som. Para curtir e descansar, mesmo. Há todo o tipo de informação sobre o Brasil: discos, revistas, vídeos sobre índios e até uma valiosa coleção plumária com 650 peças, reunidas em dezoito anos. Agora, elas estão sendo vendidas. Vão fazer parte do acervo de um museu no Japão, Suíça, ou de quem der mais! "É difícil de conservar e eu já não tenho mais espaço".

Curadores e críticos de arte sempre aparecem em busca de informações: "Minha casa passou a ser uma referência cultural brasileira". Claro que tudo

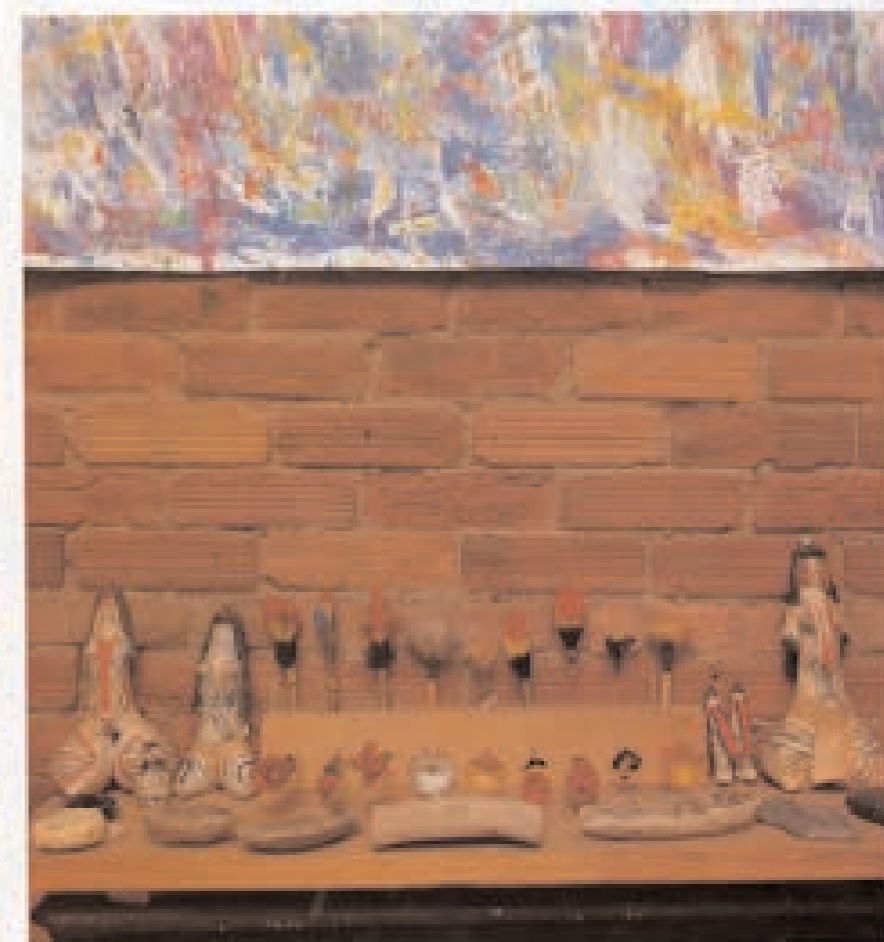
isso convive com telas, tintas e pincéis, que Peticov transforma em arte. Arte dirigida ao mercado do mundo todo, e que os americanos adoram.

O trabalho transformou o *loft* em ponto de encontro de gente famosa de todo calibre. Pintores, escultores, cineastas, músicos. Hermeto Paschoal e três bandas já apareceram e tocaram. A festa, que reuniu mais de cem pessoas, não incomodou a vizinhança. Uma simples mas eficiente camada de ar entre o piso e o teto garante a lei do silêncio. Elba Ramalho, Hector Babenco, John Mac Laughlin e Spielberg também já apareceram por lá. Eclético e bem relacionado.



"Os móveis que eu mesmo projetei e construí existem porque preciso deles. Nada está aqui por acaso".

Um detalhe de algumas das várias coleções do artista. Parte delas estará indo para o Japão ou Suíça. ACIMA, escultura *Entropia* (serrote), 92, Peticov. Atrás, orquestra de sapos balineses entre quebra-cabeças coloridos. A tela também é de Antônio Peticov. ABAIXO o artista.



650 peças sobre o Brasil, reunidas em dezoito anos. Agora, vão ser vendidas. "Não tenho mais espaço", diz Peticov.

O tempo, espaço tradicionalmente disputado em casas brasileiras, é o lugar mesmo ocupado pelo artista. Na cozinha, plantas e frutas de madeira feitas na Indonésia garantem o ar tropical. Sobre a lareira, muitos quebra-cabeças de madeira. É parte de uma coleção de Peticov, que há cinco anos participa de um grupo mensal de viajantes e montadores de quebra-cabeças. Ele não tem o menor interesse na solução deles; mas está ligado às suas formas. "São pequenas estruturas que dão novas ideias ao meu trabalho". Agora, Antonio Peticov está mudando de endereço. Mas não de projetos. Está procurando um outro  *loft* , mais barato. "Quero pagar metade do que desenhados hoje". Isso significa "apenas" dois mil dólares. Boa sorte, Peticov.



Na PULO MANTON, casa de Washington Peticov. Na parede, Gamboa? 1 e Gamboa? 2, de Peticov. Sobre a mesa, bichinho de marfim antropomórfico que o artista criou para o nome de São

Paulo. ACIMA, obra de Peticov com boneco e frasco indígena do Xingó sobre o aparelho. EMBAIXO, o  *loft*  se oferece para as montanhas brasileiras da cidade.



*No coração boêmio de Nova York, o artista brasileiro Antonio Peticov mistura tintas com a arte de bem viver num aconchegante loft*

# O QUE PINTA NO SOHO

**S**e o espírito de Nova York tem moradia, o endereço mais provável é um loft. Legítimo derivado das tradicionais águas-furtadas, que abrigaram tantos artistas e poetas românticos, hoje se instala em velhos galpões de Downtown, onde funcionaram fábricas e oficinas. Nessas amplidões, transformadas em residências, há lugar para todo o charme de um estilo de vida que a cidade inspira e estimula. Para os nova-iorquinos, loft é sinônimo de morar bem. Mas eles não detêm a exclusividade desse privilégio que o cinema e a literatura já mostraram muitas vezes. O morador pode ser, por exemplo, um brasileiro, como o artista plástico paulista Antonio Peticov. Quando ele deixou Milão, em 1985, para viver em Nova York já tinha decidido: queria um loft. E conseguiu.

Fora do Brasil desde 1972, primeiro morou na Inglaterra, depois na Itália. Não foi suficiente, conta o artista: "Para mim, era importante chegar a Nova York — a cidade significa uma verdadeira coroação para um artista plástico. Hoje, na pintura, gravura e escultura, tudo acontece aqui. Mesmo trabalhando para o mercado de arte brasileiro, é fundamental fazê-lo a partir de Nova York: só assim seu nome e produção conseguem penetrar nas rodas mais exclusivas".

Com mão de artista, Peticov conseguiu combinar o útil e o agradável. Seu loft fica em meio ao burburinho da Broadway, nos limites de Greenwich Village e do Soho, a alguns metros da New York University. A entrada do prédio centenário está espremida entre movimentadas boutiques. Um elevador antigo, de acionamento manual, daqueles utilizados para cargas, **D**

Meio casa, meio ateliê, o loft de Peticov tem grandes janelas, uma gostosa lareira e inúmeras lembranças do Brasil. No alto, entre lápis, pincéis e tintas, ele cria seu ambiente de trabalho e comemora: "Viver em Nova York é a coroação de todo artista".



ELLE ESTILO / nova york





O loft de Peticov é mesmo casa de artista. As mesas cheias de tintas e pincéis ficam agrupadas, formando um ambiente onde se destaca o colorido 'painel' de retalhos feito por sua mulher, Elysabeth. Nas fotos menores, projeção do living e da cozinha, com luz natural oferecida pela clarabóia

## UM LOFT COM ARTE



leva até o oitavo andar. É uma surpresa. O loft, muito comprido, tem janelas enormes que se abrem sobre a avenida Broadway e Waverly St., com vista para algum verde dos jardins de Washington Square. Dois quartos e dois banheiros completam os cômodos e há também uma simpática clarabóia que enfeita e ilumina a cozinha.

Meio ateliê meio casa, o loft de Peticov é um conjunto de espaços com utilização muito bem definida, onde ficam as tintas e os pincéis, as mesas de trabalho, as coleções de quebra-cabeças (seu hobby preferido), os livros, os discos. Em breve, vai aumentar o número de moradores: O filho Pedro Antonio, que nasceu no Brasil, está chegando com a mãe, a também artista plástica Elysabeth Peticov. Não haverá problemas. "Temos espaço suficiente para uma grande família", anima-se Peticov. "Não foi fácil encontrar esse lugar. Procurei muito até localizá-lo num anúncio de jornal. Foi amor à primeira vista. Até esqueci a imundície que cobria tudo por aqui", lembra. O proprietário do galpão levou seis meses para limpar, consertar a fiação elétrica e a lareira antes de entregá-lo a Peticov. "Valeu a espera. Às vezes nem lembro de que no terceiro andar deste prédio ainda funciona uma oficina de verdade."

CHRISTIANE FLEURY



**CAPA:** Fotografada em Nova York por J.R. Duran, Verónica Webb veste t-shirt de tela G, boné em homenagem a Malcolm X Spike's Joint, colar em prata Inara Prudente e brincos em prata Composição. Produção: Paulo Martinez. Realização: Leda Gorgone.